

A DANÇA E OS INDIVÍDUOS PORTADORES DE LESÃO MEDULAR*

Arabel Issa Vieira**

Maria da Consolação G. C. F. Tavares***

RESUMO

A inclusão de indivíduos portadores de lesão medular no universo artístico da dança tornou-se possível a partir dos paradigmas emergentes da modernidade e pós-modernidade. Neste processo, fica evidente o aspecto universal da dança e a sua importância para o desenvolvimento do ser humano.

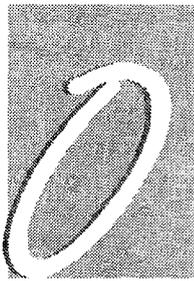
ABSTRACT

The insertion of spinal cord injured people in the dance artistic universe is possible due to emergents paradigms of modernism and postmodernism. In this way the universal aspect of dancing became evident, as its great importance to the mankind development.

*Este texto foi produzido a partir da Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes - Unicamp - Campinas, que contou com apoio do CNPq.

** Dançarina e Mestre em Artes pelo Instituto de Artes - Unicamp.

*** Profª Drª do Departamento de Estudos da Atividade Física Aplicada e integrante do Grupo de Estudos de Fenomenologia - Faculdade de Educação Física - Unicamp.



homem procura, a cada momento, diferentes formas de interação e a invenção de novos signos capazes de exprimir o que existe de significativo em cada época. Considerando ser a criatividade inerente ao ser humano, OSTROWER (1987, p. 186) afirma que *ao exercer seu potencial criador, trabalhando, criando em todos os âmbitos do seu fazer, o homem configura a vida e lhe dá um sentido.*

No final deste século, nos deparamos com uma pequena parcela da população que, ambientada no contexto sociocultural, vem conquistando de forma significativa novos espaços na sociedade e penetra no universo artístico — os portadores de lesão medular. Estes indivíduos encontram na arte um canal através do qual podem desenvolver sua criatividade e exteriorizar, por meio da encarnação visível e tangível, não só seus sentimentos e emoções, como também sua relação com o meio que os cerca.

Fechar os olhos para o indivíduo portador de lesão medular dançando não implicará no seu desaparecimento. Não há como bloquear os canais para esta experiência que se faz viva e presente. E por que bloqueá-la, se o significado da arte e o sentimento que ela anima caminham de forma inseparável e estão presentes na vida de todos os homens, sem distinção?

Antes de começar a construir armas e máquinas, de elaborar conceitos e normas, o homem criou deuses, pintou imagens e dançou. Fruto da sua necessi-

dade de expressão e comunicação, a dança sempre esteve presente em sua vida, construindo um passado, uma história. Como representação dos momentos vividos pelo homem, a dança revela, através dos tempos, as transformações sofridas por este homem que descobre, a todo instante, novas formas de estabelecer contato com o mundo. Este contínuo processo de mudança, presente até os dias atuais, tem revelado diferentes formas de expressão corporal.

Desde o começo da história, encontramos corpos que dançavam, munidos de espontaneidade e liberdade de expressão, corpos dançantes esculpidos e marcados por códigos e padrões de movimento (Renascimento), bem como corpos que, no início deste século, buscavam o resgate da possibilidade de se expressar livremente, com movimentos espontâneos e naturais, como Isadora Duncan¹.

A dança moderna, ao considerar o movimento como expressão de um significado interno e unindo forma e conteúdo, aponta para a existência de corpos que, livres do encarceramento em moldes convencionais, refletem a significação de um ser que se expressa e interage com o mundo que o cerca. Nos dizeres de OSSONA (1988, p. 14), na dança moderna a *beleza das formas não é pré-estabelecida; um movimento será belo ou não, em relação com a finalidade expressiva e com a veracidade da resposta dada ao sentimento que o origina.* Diante dessa perspectiva, nos arriscamos a dizer que, ao negar o culto da forma pela forma e resgatar a liberdade na sua expressão, encontramos o primeiro passo em direção à possibilidade de cor-

pos livres de estereótipos (como os portadores de deficiência, idosos, etc.) tornarem-se corpos dançantes.

Hoje, no final do século XX, nos deparamos com uma pluralidade de formas de expressão. COELHO (1986, p. 23) nós mostra que, contrária à negação do *antigo*, ou do que está em vigor, característica do moderno, encontramos como traço da pós-modernidade a convivência entre diversas tendências, técnicas e formas de ver e representar o mundo, sem que, para isso, ocorra a superação de uma sobre a outra. A superação dá lugar à adição. Várias linguagens corporais coexistem, revelando, muitas vezes, a hibridação de algumas técnicas na formação do intérprete e do produto artístico.

Novas experiências são realizadas, ligadas ao contexto atual, revelando uma época onde a multiplicidade estética sucumbe à unilateralidade de estilos e faz emergir novas configurações. Nesse sentido, a liberdade criativa e as inúmeras possibilidades de representar o ecletismo de idéias, que transparecem no amplo espectro de estéticas, configura a dança dos dias atuais.

O caráter de mutabilidade intrínseco da dança denuncia o seu dinamismo e impulsiona o surgimento de corpos dançantes diferentes daqueles vistos até este momento. Pina Baush, expoente da dança alemã, subverte a estética convencional destes corpos ao utilizar nas suas obras atores-bailarinos apresentando uma barriga proeminente, costas curvadas ou usando óculos. A diversidade dos corpos cênicos encontrada hoje refere-se não só à variedade de técnicas utilizadas e de gestualidades

que geram diferentes estéticas, como também ao próprio *físico* dos dançarinos.

Encontramos no trabalho de *improvisação*, utilizado como um dos caminhos para a criação, o respeito pelas diferentes formas de manifestação dos intérpretes, onde a contribuição de cada membro de um grupo torna-se essencial para a criação da obra.

Dentro da perspectiva que privilegia o indivíduo no processo de criação e resgata a liberdade de expressão do homem, descortina-se a possibilidade de os indivíduos portadores de lesão medular dançarem. O potencial artístico desses indivíduos manifesta-se dentro de suas características e, através da exploração de suas potencialidades, podem tornar-se dançarinos. Os movimentos que são seus revelam-se na singularidade das suas existências.

Assim, indivíduos portadores de lesão medular têm fortalecido o sentido universal da dança, mostrando-nos como é possível dançar, quando as pernas não obedecem e o tronco não se equilibra, quando a locomoção se estabelece sobre rodas e quando o corpo não apresenta a aparência e a mobilidade convencionais. Reconhecê-los como intérpretes da dança é, antes de tudo, validar a dança como manifestação intrínseca ao ser humano.

Dandeker (in: STANFORD, s.d.), referindo-se aos dançarinos portadores de deficiência física, afirma que *você não deveria ter que justificar-se por estar no palco porque você tem uma inabilidade. É a sua habilidade que conta.*² Dançando, advogam olhares voltados para o que sabem e podem fazer e não para o que não podem.

A possibilidade de dançar — e ser autor do processo de criação — possibilita ao indivíduo portador de lesão medular a descoberta de novas possibilidades de movimento, levando-o ao redimensionamento das suas limitações corporais. Ao dançar, estas limitações podem ser vislumbradas como indicadoras de situações que, reconhecidas, apontam para outras possibilidades de descoberta, isto é, o desequilíbrio do tronco pode ser uma queda inusitada ou pode deflagrar um movimento desconhecido e transformar-se em possibilidade de criação. *Os casos* podem proporcionar a movimentação subsequente.

Dessa forma, a dança, para o indivíduo portador de lesão medular, inclui todos os conteúdos, objetivos e características inerentes à dança. Sua diferenciação encontra-se somente na forma de execução das propostas por parte dos indivíduos portadores da lesão, devido a suas próprias peculiaridades.

As diversas tendências e a hibridação de estilos e técnicas, que refletem a dança da atualidade, tornam difícil, a nosso ver, definir, categorizar ou enquadrar a dança para os portadores de lesão medular em uma técnica específica. Acreditamos que a abertura de valores estéticos e a liberdade de expressão e criação que encontramos hoje na dança proporciona a inserção e a contribuição destes indivíduos na história desta arte.

Refletir sobre os portadores de lesão medular dançando, nos leva a compreender que a restrição de sua motricidade não os impede de perceber, ver e sentir a dança e, com isso, emergir num contexto de manifestação genuinamente humana.

Encontrar estes corpos dançantes descortina a possibilidade de novos olhares para a dança, impulsionados pela ruptura de preconceitos que limitavam sua prática a alguns corpos privilegiados, bem como revela que a dança não restringe sua expressão apenas à habilidade e plasticidade física. Dessa forma, podemos pensar na possibilidade do distanciamento de uma dança enraizada tão somente em virtuosismos e no resgate da dança como manifestação genuína do ser, sem moldes em que se enquadrar e sem padrões a copiar.

Compreendemos que a dança com indivíduos portadores de lesão medular é, acima de tudo, DANÇA. Dança que, enquanto vivência unificada do sensível e do inteligível, do sentir e do saber, do corpo e da mente, revela a significação de um ser interagindo com o mundo que o cerca. Ao invés de imprimir nos corpos a marca de códigos inflexíveis de movimento e privilegiar apenas a apreensão de habilidades motoras, fragmentando as experiências individuais e soterrando sua criatividade, a dança permite o respeito ao indivíduo e à sua forma singular de ser e de se expressar no mundo. Seus corpos dançantes revelam-se tradutores de idéias e sentimentos através do uso da *sua própria linguagem corporal, singular e única*. Não importa se este corpo que dança é portador de deficiência física, mental ou visual, se é idoso ou dito *normal*. Sob essa perspectiva, o normal é a própria singularidade. E a dança legitima as diferenças e revela a riqueza contida na diversidade do homem.

A multiplicidade das formas de representação e, conseqüentemente, de criação, aliada à presença de diferentes

corpos dançantes — e aqui ressaltamos a presença do indivíduo portador de lesão medular — nos faz crer no enriquecimento da dança enquanto manifestação artística, no momento em que contempla uma nova estética.

Nota

- ¹ Isadora Duncan (1878-1927), dançarina norte-americana, considerada a pioneira da dança moderna.
- ² Celeste Dandeker é dançarina (portadora de lesão medular) e, juntamente com o coreógrafo Adam Benjamin, fundadora e diretora artística da CandoCo (Can do Company). Celeste DANDEKER, in: STANFORD, Peter. *Weeler Dearls of Dance Floor* [s.d.]

Referências Bibliográficas

- BOURCIER, P. *Opus 86. História da Dança no Ocidente*. São Paulo : Martins Fontes, 1987.
- CANDOCO DANCE COMPANY. London [s.n.] [s.d.] [catálogo e cartaz].
- COELHO, A. T. *Moderno e Pós-Moderno*. Porto Alegre : L & PM, 1995.
- DUFRENNE, M. *Estética e Filosofia*. São Paulo : Perspectiva, 1981.
- GARAUDY, R. *Dançar a Vida*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1980.
- OSSONA, P. *A Educação pela Dança*. São Paulo : Summus, 1988.
- OSTROWER, F. *Criatividade e Processos de Criação*. Petrópolis : Vozes, 1987.
- PAREYSON, L. *Os Problemas da Arte*. São Paulo : Martins Fontes, 1989.
- STANFORD, P. Weeler Dearls of the Dance Floor. In: *The Sunday Times*, 19 november, 1995.